



I Congresso Internacional Direitos Fundamentais e Alteridade

www.mpatraoneves.pt

www.mpatraoneves.pt

Alteridade e Direitos Fundamentais: uma abordagem ética

www.mpatraoneves.pt

www.mpatraoneves.pt

www.mpatraoneves.pt

www.mpatraoneves.pt

www.mpatraoneves.pt

www.mpatraoneves.pt

M. Patrão Neves
www.mpatraoneves.pt

Alteridade e Direitos Fundamentais: uma abordagem ética

Objectivos

Centrando-me no conceito de “alteridade”, justificarei que:

- o seu sentido específico é extraordinariamente recente, formulando-se apenas na segunda metade do século XX;**
- a sua natureza é intrínseca e essencialmente ética, isto é, a sua própria afirmação implica um modo particular de agir, a sua assunção encerra uma orientação precisa para a acção.**

Alteridade e Direitos Fundamentais: uma abordagem ética

Percurso

1. Acerca da noção de Alteridade

1.1. Abordagem etimológica

1.2. Abordagem conceptual

2. A descoberta da Alteridade

2.1. Do *ego* ao *alter-ego*

2.2. Do *alter-ego* ao *alter*

3. A assunção da Alteridade

3.1. Na senda da *alterlogia*

3.2. Rumo aos deveres fundamentais

Acerca da noção de Alteridade abordagem etimológica

“Alteridade”:

alteritas, *atis* = “diversidade”, “diferença” (tendo na sua raiz o adjectivo *alter*, *era*, *erum* = “outro”, “um de dois”).

O termo latino *alter* é já formado a partir das palavras gregas *allos*, e *eteros* = o “outro”, “diverso” ou “oposto”.

Assim sendo, “alteridade”, na sua definição etimológica:

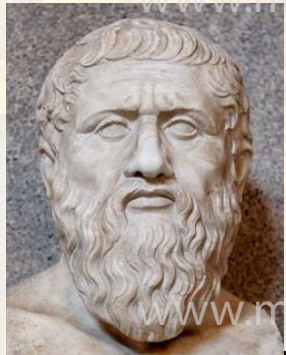
- designa o “outro” (sem indicação da sua natureza)
- no contexto de uma “diversidade”, como “um de nós”
- com a significação de “diferente” perante o igual
- numa relação de “oposição” face à identidade

A “alteridade” só se afirma a partir da igualdade ou identidade e contrapondo-se-lhe.

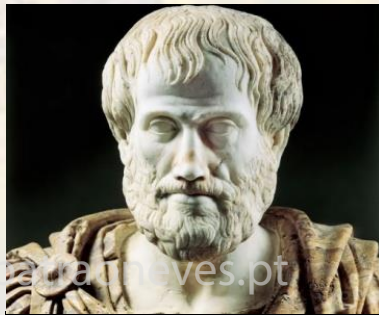
Acerca da noção de Alteridade abordagem conceptual

Perspectiva ontológica (desde a Antiguidade pré-clássica até à Modernidade):

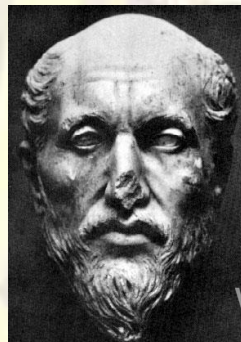
A “alteridade” surge no contexto da teoria do ser, designando um modo de ser distinto (em função de uma identidade).



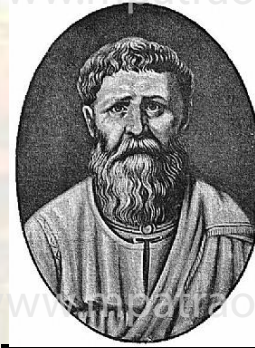
Platão
427 a.C.-347 a.C.



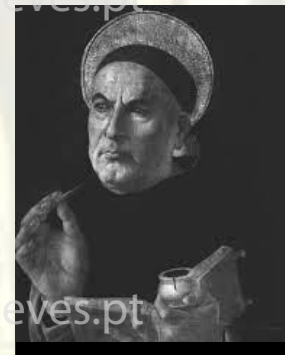
Aristóteles
384 a.C.-322 a.C.



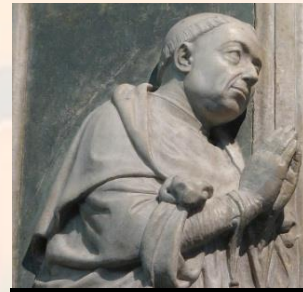
Plotino
204-270



**Agostinho de
Hipona** 354-430



Tomás de Aquino
1225-1274



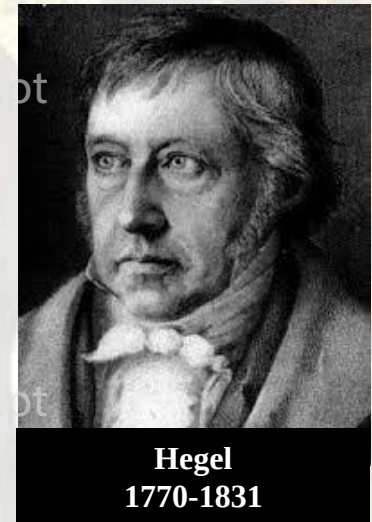
Nicolau de Cusa
1401-1464

O “outro”, que a alteridade exprime, é um ser, um modo de ser distinto daquele que o define, contrapondo-se-lhe num contexto dicotómico de inteligibilidade, que o define como outro e, assim, inferior na hierarquia dos seres.

Acerca da noção de Alteridade abordagem conceptual

Perspectiva gnosiológica (da Modernidade à Contemporaneidade):

Na Modernidade, a noção de “alteridade” passa a ser preferencialmente abordada no âmbito da teoria do conhecimento.



A alteridade surge como questão acerca do modo como o sujeito do conhecimento apreende o outro, o modo como representa o outro, e como o outro afecta a possibilidade de conhecimento objectivo, cabendo neste outro tudo o que é exterior à subjectividade.

Acerca da noção de Alteridade abordagem conceptual

O “outro”, que a “alteridade” exprime, não adquire relevância significativa nem sob a tradicional (1) perspectiva ontológica, nem sob a preponderante (2) perspectiva gnosiológica, mantendo-se em ambas num contexto dicotómico e assimétrico desvalorizador.

ontologia

categoria do ser

gnoseologia

representação da subjectividade

Antiguidade

Idade Média

Idade Moderna

Contemporaneidade

**dicotomia
assimetria**

A descoberta da Alteridade perspectiva antropológica

Uma terceira perspectiva a considerar é a antropológica que coloca a conceptualização da “alteridade” no âmbito da reflexão do homem sobre o homem, em que o outro pode vir a adquirir um rosto humano e a constituir um polo das relações pessoais.

Sistematizaremos a nossa retrospectiva antropológica em três períodos principais:

1. o do *ego*, centrando-se na definição do “eu”;
2. o do *alter-ego*, desviando-se para a compreensão das relações possíveis entre o “eu” e o “outro”;
3. o do *alter*, autonomizando e valorizando a dimensão do “outro”.

A descoberta da Alteridade do *ego* ...

sincretismo

advento

IV a.C

mítico

da razão

Sócrates

Identificação do “eu” como ser distinto dos demais (da Grécia antiga até hoje),
subdividindo-se em dois momentos:

- **definição do ser humano na sua diferença substancial (ontologia), distinto dos demais seres e na sua identidade com todos os outros seres humanos; a alteridade é estranha ao homem, reportando-se ao infra-humano e desvalorizada;**
- **percepção que homem tem de si como auto-consciência, subjectividade e singularidade em relação ao outro (gnosilogia); a alteridade revela-se na oposição ao “eu” e as relações eu-outro são determinadas pela consciência subjectiva, sendo a alteridade sempre secundarizada em relação à subjectividade.**

ontologia
categoria do ser

eu ————— gnoseologia
representação da subjectividade

Antiguidade

Idade Média

Idade Moderna

Contemporaneidade

infra

outro

posterior

A descoberta da Alteridade ... ao *alter-ego*



Maine de Biran
1176-1824

A consciência de si foi sendo diferentemente compreendida:

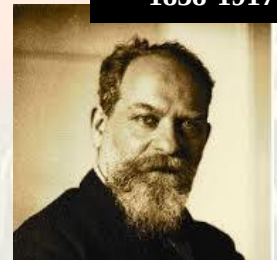
- como interioridade, intimidade, irreducibilidade do sujeito, subjectividade; a alteridade persiste ignorada;
- como intencionalidade, constituindo-se na abertura ao mundo, ao outro; reconhece a irreducibilidade da alteridade.



Franz Brentano
1838-1917



Henri Bergson
1859-1941



Edmund Husserl
1859-1938

consciência

Modernidade

Contemporaneidade

interioridade

intencionalidade

subjectividade

inter-subjectividade

O “eu”, auto-consciência, é consciência do “outro”, tomando o “outro” a partir do “eu”, como uma subjectividade também, como um “outro-eu”, ou *alter-ego*.

A descoberta da Alteridade do *alter-ego* ...

A instauração da intersubjectividade, na indissociabilidade entre o eu e o outro, não corresponde necessariamente a uma relação efectiva eu-outro, e menos ainda ética.



Ao nível pré-reflexivo, fundamentador da intersubjectividade originária, a relação entre o eu e o outro não se chega a estabelecer, permanecendo anónima.

O outro é uma ameaça à identidade do eu, pelo que se perfila como um inimigo.



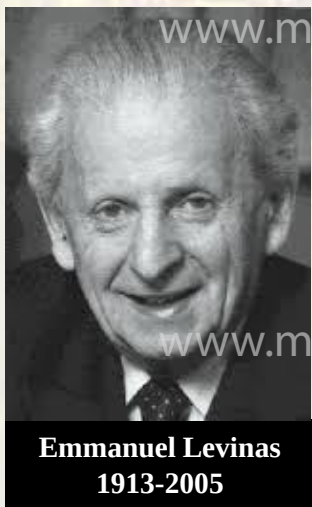
O reconhecimento do outro a partir do eu e como seu idêntico não é propício a uma relação efectiva e pacífica entre ambos e a alteridade como intersubjectividade acaba por não ser mais do que uma imagem da subjectividade.

A descoberta da Alteridade

...ao *alter*

A perspectiva antropológica da alteridade não é suficiente para que a relação entre o eu-outro se estabeleça e seja ética; urge afirmar o outro enquanto outro. Só assim alcançaremos a alteridade.

Só a ética é capaz de resgatar o outro ao eu



O outro é anterior ao eu e o eu vem à existência pelo outro. É o outro que reclama o eu e este, quando chega, responde: “eis-me”. O eu constitui-se na relação com o outro, como resposta ao apelo do outro.

E tal como o outro antecede o eu, a relação antecede a identidade, a ética antecede a ontologia/antropologia.

A alteridade precede a subjectividade e o eu é submissão ao outro. A assimetria entre ambos aprofunda-se (relação inversa à tradicional). O preço da descoberta do outro foi o sacrifício do eu.

A descoberta da Alteridade perspectiva antropológico-ética

Identidade narrativa:

sujeito substancial (o que é; mesmidade) + sujeito que se apropria de si (interpretação de si; ipseidade).

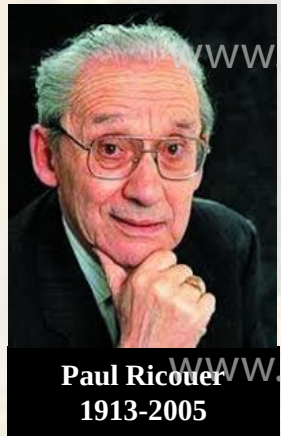
Hermenêutica do si:

do descentramento do “eu” à apropriação do “si” =
integra-se a alteridade na subjectividade.

A pessoa já não é:

- a subjectividade de um eu, *ego*;
- um eu na relação com o outro, uma intersubjectividade, *alter-ego*;
- mas é um eu, um outro (tu e mundo cultural), e um si (ele) na compreensão e apropriação de si; é ipseidade.

Sem perder a subjectividade ganha a alteridade, sem abandonar a antropologia abre-se à ética, aprofundando o plano descritivo avança para o prescritivo: a identidade pessoal, antropológicamente descrita, integra a reciprocidade com o outro, eticamente prescrita.



A descoberta da Alteridade perspectiva antropológico-ética



Se só a Ética resgata o outro ao eu, só a Antropologia preserva o eu no outro, e só com ambos se estabelece a relação.

A assunção da Alteridade

A Alteridade é, pois:

- **um conceito recente, na sua especificidade, que se refere ao outro enquanto outro** (preservando o outro enquanto tal e não permitindo a sua diluição no eu);
- **de natureza ética, na prescrição da relação entre o eu e o outro, na simetria de ambos, numa reciprocidade entre ambos.**

A alteridade exprime a eticidade da relação entre o eu e o outro na sua constituição recíproca.

O que prescreve a ética da alteridade?

- **a estruturação de uma nova lógica da acção;**
- **a definição do novo sentido preconizado para a acção.**

A assunção da Alteridade

Na senda da “alterlogia”

A “alterlogia” é uma nova lógica da acção, uma lógica do outro enquanto outro como horizonte de constituição de si, que exige:

- o descentramento do eu na sua relação com o outro;**
- e o respeito pelo outro na sua afirmação de si.**

Estes desideratos já têm sido ensaiados:

- o altruísmo parte do eu para o outro, mas tende a projectar-se no outro e a substituí-lo, suprimindo um dos polos da relação; não chega a reconhecer o outro enquanto outro, a reconhecer a alteridade, permanecendo ao nível intersubjectivo, do *alter-ego*;**
- o libertarismo dos direitos, parte do reconhecimento do outro como outro, mas tende a centrar-se em si, no seu individualismo, e a esquecê-lo; não chega a relacionar-se com o outro enquanto outro, a integrar a alteridade na subjectividade, recuando para o nível subjectividade, do *ego*.**

A assunção da Alteridade

Na senda da “alterlogia”

De facto, ambos são indispensáveis, mas nenhum pode ser procurado separadamente, o que ora tende a suprimir um dos polos da relação (altruísmo), ora mantém a dicotomia entre o eu e o outro (libertarismo), quando só a reciprocidade é ética.

A “alterlogia” exige a ultrapassagem da distância sem a coincidência dos polos, a superação das dicotomias sem a supressão da diferença, porque só na pluralidade se pode preservar cada um e complementar ambos. Assim se traça uma concepção holista do mundo, inclusiva da humanidade e integradora das pessoas.

Mas então nunca nada nem ninguém me é indiferente e sempre tudo e todos me dizem respeito.

A assunção da Alteridade Rumo aos deveres fundamentais

A nova lógica da acção – a alterlogia –, no seu novo fundamento – a alteridade como horizonte de constituição da subjectividade – e no seu princípio axial – a reciprocidade da relação eu-outro – determina uma nova direcção da acção relativamente ao actual enquadramento das relações humanas estruturadas pelos direitos que assistem a cada um e pelos respectivos deveres que lhes competem.

Uma ética do outro exige uma dupla inversão na relação entre direitos e deveres:

- a primeira consiste na afirmação da primordialidade dos deveres em relação aos direitos;**
- a segunda, no estabelecimento de uma proporcionalidade indirecta entre deveres e direitos.**

A assunção da Alteridade

Rumo aos deveres fundamentais

A primordialidade do dever decorre da reciprocidade entre o eu e o outro no seio da alteridade (em que o eu se constitui na relação):

- a lógica dos direitos fundamenta-se nas liberdades individuais e reforça a autonomia**
- a lógica dos deveres fundamenta-se nas responsabilidades sociais e reforça a solicitude**

São os deveres que me incumbem que se traduzem nos direitos que assistem ao outro.

O estabelecimento de uma proporcionalidade indirecta entre deveres e direitos traduz-se pela afirmação de que:

- quem tem mais direitos tem menos deveres**
- quem tem mais deveres tem menos direitos**

Só a assimetria da relação deveres-direitos permite construir a simetria da relação eu-outro.

Alteridade e Deveres Fundamentais: uma abordagem ética

Desafios

Em suma, a assunção da alteridade e da ética do outro que dela decorre, que se quer promover como contexto privilegiado da acção humana e das relações sociais, é extraordinariamente exigente e de difícil, se não mesmo de impossível, concretização nas nossas sociedades coetâneas.

As inversões necessárias são radicais e tinham de ser globais.

A boa notícia é que depende de cada um de nós desencadear a revolução tranquila.



www.mpatraoneves.pt

www.mpatraoneves.pt

www.mpatraoneves.pt

www.mpatraoneves.pt

www.mpatraoneves.pt

Obrigada

www.mpatraoneves.pt

www.mpatraoneves.pt

www.mpatraoneves.pt

M. Patrão Neves

www.mpatraoneves.pt

Fotos.org